

ÍCON

JOSÉ WALLENSTEIN

A HORA EM QUE NÃO SABÍAMOS NADA UNS DOS OUTROS

PATRICIA BARBER
O JAZZ DE CHICAGO

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA
UMA ESTÓRIA ERÓTICA

JOÃO LOBO ANTUNES
O SERVIÇO DE URGÊNCIA

OSCAR NIEMEYER
UM HOTEL NA MADEIRA

OS BOBOS*
O BURGUEZ BOÊMIO

JEAN-PAUL BUCCHIERI
O COREÓGRAFO DE BOB WILSON

ZAHA HADID
A ARQUITECTA EM CONVERSA

VAMOS CAVAR NO CAMPO DO ESQUECIMENTO PORTUGUÊS. DO DESPREZO PELO QUE ESTÁ CÁ, DA CEGUEIRA A NOSSA PRÓPRIA TERRA. DO NOJO AO NOSSO. É MAIS DURO DO QUE ROMPER UMA ROCHA DOS APALACHES EM BUSCA DOS VESTÍGIOS DUM *ALAMOSAURUS*. DUM ENORME E SOBERBO *DIPLODOCUS* DE ONZE TONELADAS. DUM ÁGIL E CARNÍVORO *DILOPHOSAURUS*. E. ACREDITEM. O QUE BUSCAMOS É AINDA MAIS GRANDIOSO, MAIS ESTRANHITO, MAIS IMPAR. NASCEU NA MENTE HUMANA E DESCEU COMO UMA ENORME NAVE CELESTE SOBRE A COLINA DA VIGIA, MESMO NAS BERMAS DO FUNCHAL NO PRÓPRIO LUGAR ONDE SISSI PASSEOU A MELANCOLIA QUE O IMPERADOR LHE FAZIA CARREGAR. CHAMAVA-SE, NESSA ALTURA, A QUINTA DAS ANGUSTIAS.

Aí se ergue imenso mas suave, belo e majestoso. Um autêntico Niemeyer. O nosso Niemeyer.

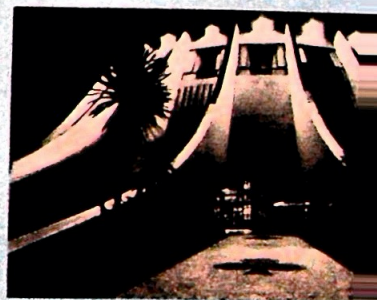
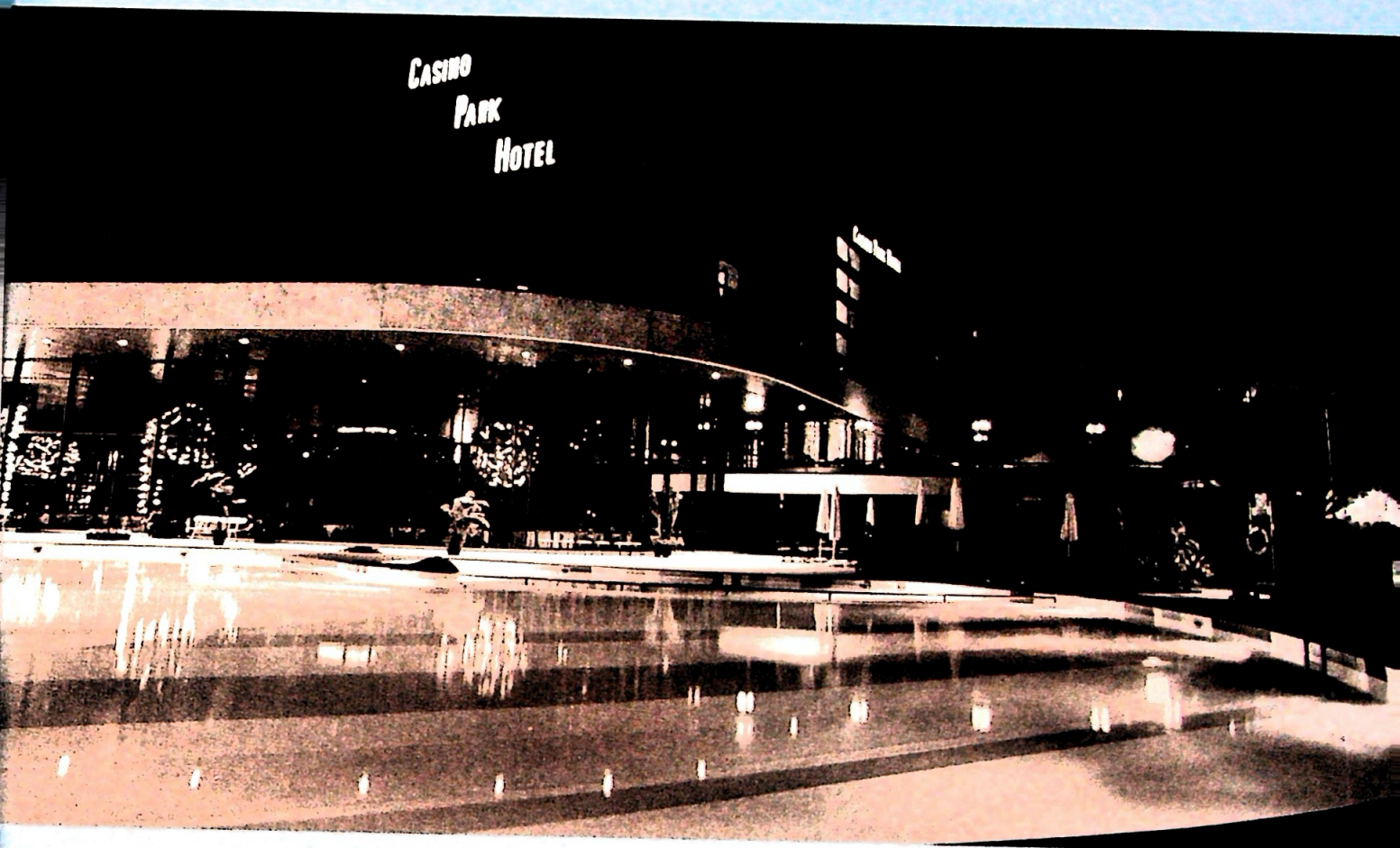
Recomeçamos. Em 1979, fiz-me à Madeira por razões triviais e deparei com aquele colosso. É um Niemeyer. Não pode ser? É, é... Impressionante!!! Um Niemeyer. Nós temos um Niemeyer! Sim, lá estava a curva do génio com que ele redesenhou todo o funcionalismo mesmo antes de Corbusier, as rampas do Congresso brasileiro, a fachada da sede do PC francês, a estrutura da Catedral de Brasília. Fantástico. Um Niemeyer... Como é que isto nunca foi falado, erguido, mostrado, louvado, estudado, monumentalizado. Não foi. Desde então até hoje, nada, nada. Publicaram-se, por cá, pelo menos dois livros sobre Niemeyer. Nem uma única palavra sobre o nosso, sublinhe-se, o nosso Niemeyer, ali, no Funchal, na Vigia, sobre o Atlântico, nosso. Há artigos, há entrevistas, em jornais, em revistas, sobre a sua obra em geral mas nada, nada, nada de vulto sobre este Niemeyer que, ouvi-o da boca de Daciano da Costa, "colocou a Madeira na história da arquitectura moderna". Nem mais. Em 1998, quando Oscar foi homenageado, em Inglaterra, pelo Royal Institute of British Architects, lembro-me duma crónica no *Daily Telegraph* lamentando a inexistência dum Niemeyer no Reino Unido. Há a catedral de Liverpool do Frederick Gibberd, nele inspirada, mas não há um Niemeyer. Lamentável, frisava Giles Worsley, o especialista do *Telegraph*. Olha, Giles, nós temos um Niemeyer e esquecemo-lo que é a forma que nós temos de cuspir para o ar da nossa mesquinhez. É a nossa estranha forma de vida.

Nesse ano, não pude mais, marchei para o Funchal com o mesmo entusiasmo com que Lord Carnarvon e Raymond Carter buscaram a toca do Tutankamon. Desafiei o António Moutinho para a expedição e em muitíssimo boa hora o fiz. O António fotografou a alma do edifício, ignorou as mafeitorias que lhe foram, entretanto, feitas e tirou um retrato mental deste que é, como todos os Niemeyer, um objecto mental por excelência.

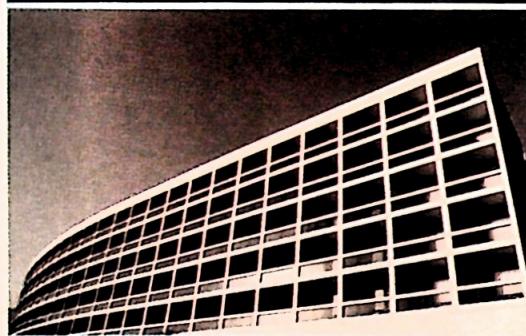
Recomeçamos. Corria 1966. Corbusier tinha morrido poucos meses antes e ainda antes disso a ditadura militar brasileira tinha nascido.

A família Barreto prosperava. Indianos, de Moçambique, da Beira, dominavam o comércio de madeiras preciosas e eram senhores de muito larga fortuna. Os seus barcos lançavam-se ao mar sem destino, imaginem, aguardando as melhores cotações do mercado mundial. Eram duma seriedade imaculada, inteligentes e indecifráveis,





Oscar Niemeyer



como cabe aos grandes dos negócios. Entre as inúmeras coisas que lhes faziam crescer o pecúlio dourado, coube-lhes em mão a possibilidade de terem a concessão do jogo na Madeira. A contrapartida era juntarem ao casino um complexo turístico, com hotel e sala de congressos. Assim seja, pensaram os Barretos, e acharam que o golpe de Barreto para ganhar o concurso público era plantarem a proposta com um nome sonante da arquitectura, um verdadeiro ícone, já nessa altura uma lenda viva que fazia erguer todos os ouvidos e fixar todos os olhares.

Um dos Barretos, o Eurico, estava, casado com uma local, em Paris. Niemeyer também ali estava. Comunista até ao coração, as botas da ditadura tinham-lhe invadido e saqueado o atelier, destruído a redacção da sua revista *Módulo*. Essas bestas cardadas puseram um letreiro no país que dizia, traduzido em linguagem de gente: aqui só fica a estupidez! O herói de Brasília, por absurdo, teve nisso uma enorme prenda. Perdeu o país, ganhou o mundo. De Gaulle, pela mão e pela cabeça de Malraux, recebeu-o em Paris, de alegria aberta. Fizeram até uma lei especial que lhe permitiu trabalhar como qualquer arquitecto francês. E os projectos choveram. Entre os quais o dos Barretos. Que pensaria Niemeyer daquele estranho indiano que lhe desafiava o traço numa perdida ilha de meio Atlântico, onde ele nunca tinha sequer ido? Mas responde que sim e a resposta é magistral. Escrita à mão: Paris, 22 de Junho de 1966.

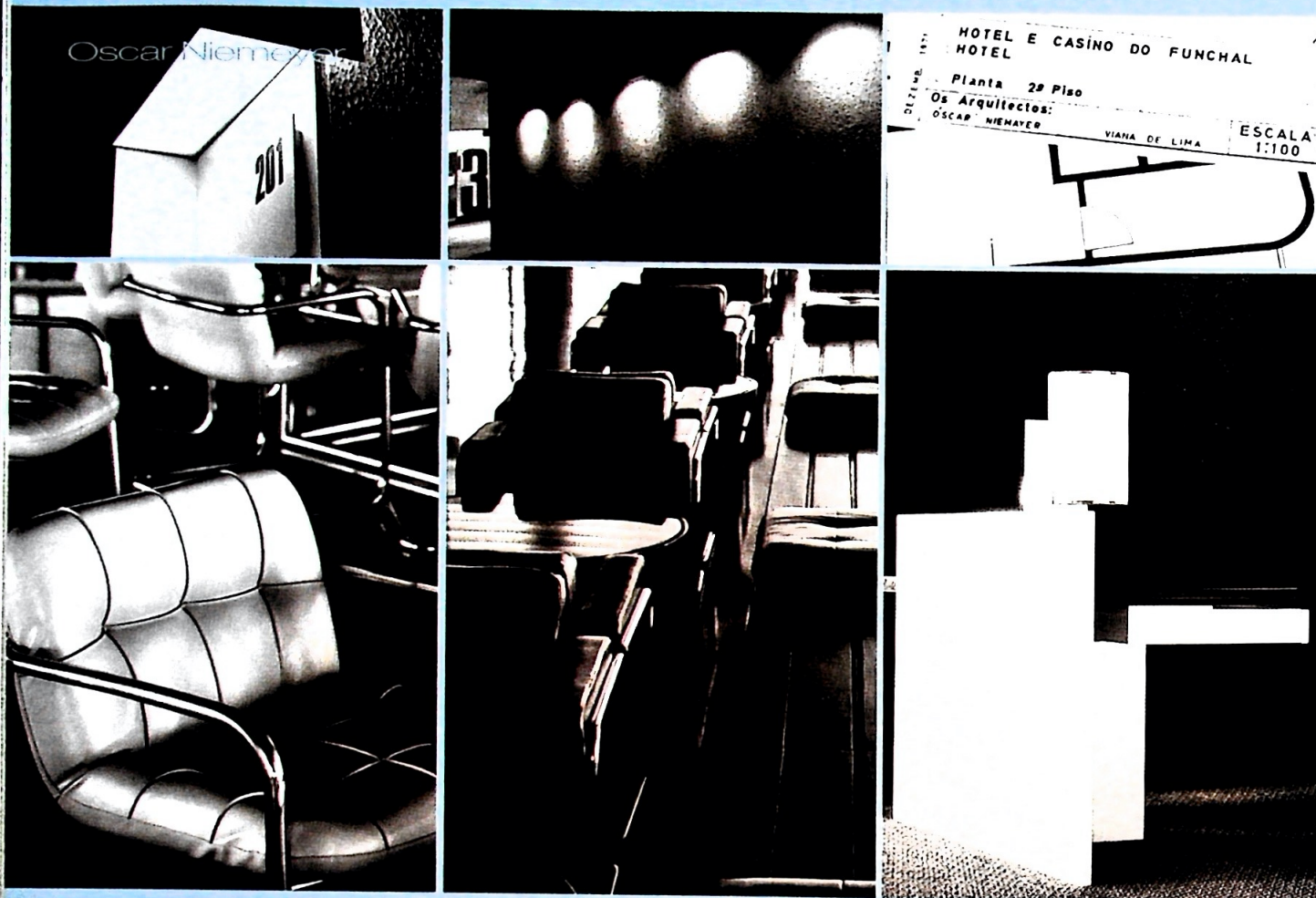
O projecto de um hotel na ilha da Madeira, apresenta uma série de problemas fundamentais. Primeiro, as características do lugar, a beleza da ilha, seu aspecto pitoresco e acolhedor, que cumpre proteger. Segundo, os problemas que daí decorrem, problemas de gabarito, escala, visibilidade, etc

Trata-se a meu ver de problemas tão importantes que ao redigir esta explicação, sinto-me obrigado a abordá-los, advertindo as autoridades locais da conveniência de estabelecer medidas de protecção paisagística.

E continua por cinco páginas, um verdadeiro plano director para a ilha, onde exemplifica, rabisca, sublinha, até que, num cantinho do papel, no seu eterno traço mais que sensível, faz o gesto fundador e pronto. Lá está o que lá está ainda agora. O hotel, o casino, a sala de congressos. Um Niemeyer. Até arrepia, que raio!!!

Assim foi. O projecto passou na cavernícola máquina salazarista, Viana de Lima, a referência moderna da arquitectura do Porto, de quem Niemeyer era amigo, foi associado ao projecto. O engenheiro José Pinto Lampreia era o coordenador da imensa obra (ainda hoje ela é o maior hotel em Portugal) e foi ele que escolheu o responsável pelos interiores, Daciano da Costa, já provado no Penta, no Hilton, na Tap, no Casino Estoril, na Reitoria, etc.

Deixem-me abrir um parêntesis: Daciano é outro grande que só a poeira podre de Portugal tapou ao mundo. A Gulbenkian vai fazer-lhe em breve uma retrospectiva. É um prazer falar com ele. O que está na Vigia é um Niemeyer, sem dúvida, mas lá dentro é um imenso Daciano. Os números enormes nos andares, o pormenor da luz nas portas dos quartos, a elegância das madeiras (todo um navio que os Barretos mandaram vir), a adequação moderna das cadeiras... Olhem-me aquela secretária



com o Mondrian por alma! "Eu cruzei a alegria sensorial do design moderno com a sensualidade do gesto niemeyeriano. A arquitectura moderna tem de ser feliz e alegre", diz Daciano.

E a obra andando. O betão ergueu-se. O betão! Só este dava uma poesia inteira pelo que trouxe às formas do mundo e Niemeyer soube domá-lo como poucos. O edifício do hotel, enorme, enorme, mal se vê da rua. Diz-me Daciano: "Aquilo não é uma construção, é a própria lógica da topografia, à perfeita escala da ilha." É mesmo. É a negação de alguma agressividade modernista.

Todo ele assenta em pilares afastados 34 metros. Vocês calculam que a fundação dum pilar desses, para aguentar aquele céu de betão, é maior que uma piscina? E a piscina, a própria piscina? Olhem para a fotografia do António, por favor. Não digo mais nada. A escada de sonho enrosca-se nos andares como as trepadeiras que lhe dão natureza, a sala de jantar é um poço imenso com o Atlântico ao fundo, os quartos são naves que abrem para a beleza mais pura. E por todo o lado, o hino oscárico à curva...

Não é o ângulo recto que me atrai

nem a linha recta, dura, inflexível, criada pelo homem.

O que me atrai é a curva livre e sensual...

Os pilares aguentaram com tudo. Até com uma revolução. 74 veio e as obras ainda duravam. A inauguração, só em Outubro de 1976, por entre greves e protestos. Os convidados bateram de olhos no betão e pensaram que a coisa ainda estava inacabada. A modernidade era-lhes estranha e Niemeyer um comunista como eles chamavam aos grevistas.

E ele, teria vindo alguma vez ver o seu risco naquela ilha da Madeira, tão bem roubada ao Atlântico? Nunca, asseveram muitos. Mas conta-se que numa alta noite, ainda durante as obras, um senhor, esbracejando, chamou o encarregado e pediu para ver a coisa. Seria Niemeyer? Talvez.

(Síntese do livro «O Nosso Niemeyer» de Carlos Oliveira Santos e António Moutinho, no prelo)